

PROF. CARLOS TEIXEIRA

(...) Homem de grande destaque na Geologia portuguesa, o Prof. Carlos Teixeira tinha grande capacidade de intervenção nos organismos do Estado ligados a este sector, quer na metrópole quer nas colónias, nomeadamente em Angola e Moçambique, além de que desfrutava de uma boa relação como o então Instituto de Alta Cultura e a Fundação Calouste Gulbenkian, duas instituições financiadoras de uma grande parte da investigação científica no nosso País.

Membro activo da Academia das Ciências de Lisboa, dispunha de grande influência nos então Serviços Geológicos de Portugal e Serviço de Fomento Mineiro, na Junta de Energia Nuclear e na Junta de Investigações do Ultramar, instituições nas quais, com grande autoridade, manobrava os cordelinhos ao sabor dos seus propósitos em prol de sua dama – a Geologia -, nunca a favor dos seus interesses pessoais. A maioria dos geólogos portugueses, seniores e juniores, e alguns estrangeiros envolvidos em trabalhos no território nacional, eram os peões de xadrez na sua perspectiva de engrandecimento da geologia portuguesa. As gerações de geólogos e professores neste domínio, que se lhe seguiram, devem-lhe essa dedicação quase obsessiva.

Depois de um pousio de algumas décadas sobre a fase pioneira e gloriosa de Carlos Ribeiro, Nery Delgado e Paul Choffat na geologia nacional, na passagem do século XIX ao seguinte, o Prof. Carlos Teixeira foi o principal dinamizador do renascimento desta ciência entre nós, num período iniciado com o seu doutoramento na Universidade do Porto, em 1944, e continuado em Lisboa, na Faculdade de Ciências, até 1982, ano do seu falecimento.

O Prof. Carlos Teixeira era um homem só, sem família, no sentido comum da palavra. Casara com a Geologia e dessa união tinha uma caterva de descendentes, todos eles seus subordinados nas carreiras académica e científica, a quem dava protecção, não só profissional mas também pessoal. Fiador de muitos dos seus assistentes nos contratos de água, gás e electricidade e nos de arrendamento das respectivas habitações, emprestava dinheiro, sem juros, a todo aquele que, numa aflição, lho solicitasse. À mesa do restaurante ou do café, era sempre ele que pagava a conta, como um pai. Ele, por assim dizer, configurava a galinha e nós os pintos, mas apenas enquanto não ousássemos sair-lhe debaixo da asa.

Mais do que as minhas, descrevem-no as palavras do Prof. Orlando Ribeiro, retiradas, avulsas, do texto que escreveu no Volume de Homenagem que lhe foi dedicado, publicado no Boletim da Sociedade Geológica de Portugal (Vol. XXII, 1980-81), sociedade de que Carlos Teixeira foi sócio fundador nos anos 40: *“Carlos Teixeira era um lavrador do Minho (no sentido local de modesto proprietário), tão enraizado no terrunho como as cepas do vinho verde que tanto apreciava”...* *“Robusto de corpo e de espírito, insensível à fadiga e ao conforto, comendo e bebendo bem mas indiferente à hora das refeições, Carlos Teixeira foi sobretudo um*

infatigável trabalhador de campo... Insensível ao frio, ao calor e à chuva, dizia que não era solúvel"... "nunca procurou posições brilhantes e lucrativas".

Impulsivo e autoritário, a diabetes acabou por cegá-lo e torná-lo um homem azedo, intolerante, por vezes colérico, que se foi incompatibilizando, um a um, com a maioria dos seus colaboradores, mesmo com aqueles que lhe foram mais íntimos e leais. Neste rosário de incompatibilizações recordo a situação que acabou por me tocar. Tendo afastado da sua relação o Prof. Carlos Romariz, o colaborador que durante mais tempo o serviu, tentou aliciá-lo contra ele, negando-lhe todas as qualidades intelectuais e humanas que lhe atribuíra nos anos em que este lhe aturara o mau feitio e o protegera de situações que o seu temperamento lhe criava. Como eu não corroborasse essa sua nova apreciação, por todos tida como injusta, cortou relações comigo, dizendo que, afinal, eu era um “safardana” (expressão muito sua) como o outro. Eu, a quem ele dera todas as condições de trabalho, apoio na carreira e múltiplas provas de amizade, era agora um incompetente, sem qualquer nível científico que, como ele dizia, tivera artes de o enganar redondamente. Situações como esta ou outras no mesmo estilo, levavam-no a dizer, aos poucos amigos que lhe iam restando, que já correria com umas dúzias de “safardanas”.

Amigo do seu amigo, enquanto o aceitasse como tal, personalidade de amores, desamores e rancores, nem sempre era justo nos seus juízos, nem sempre usando bem o elevado estatuto que tinha para avaliar pessoas e trabalhos, não só na Universidade como nos serviços ou departamentos que lhe reconheciam o muito saber que, de facto, tinha. *“Confundindo, às vezes, a lisonja que alguns lhe prodigalizavam com o respeito e o mérito científico que todos reconheciam nele, não deixa, por isso, de ter sido uma grande figura e um marco importante na geologia portuguesa”,* escreveu, ainda, o Prof. Orlando Ribeiro (...).

Galopim de Carvalho, “FORA DE PORTAS - Memórias e Reflexões”, 2008, da Âncora Editora